



Enem: instrumento de navegação

Em 2009, o Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) começava a se tornar o que é hoje: um dos principais indicadores de qualidade de ensino no País. Criado 11 anos antes, o Enem passava a contar com redação e uma quantidade maior de questões objetivas, bem como começava a utilizar a Teoria de Resposta ao Item (TRI). Esse novo modelo permitia comparar notas de diferentes edições do exame – independentemente da variação de dificuldade entre um ano e outro –, possibilitando que escolas e sistemas de ensino montassem séries históricas do desempenho de seus alunos. Desde então, a importância atribuída aos *rankings* do Enem só fez crescer. E não sem razão.

O Enem é, afinal, uma prova robusta, concebida para avaliar menos a quantidade de conteúdos assimilados pelo estudante e mais sua capacidade de raciocínio, de interpretação crítica e de aplicação correta dos conhecimentos. (Ainda que, neste ano, tenha revelado viés um pouco mais conteudista do que em edições anteriores.) Em nossa visão, essa é a melhor forma de avaliação do aprendizado. Mais do que isso, o Enem é uma régua que impulsiona cada escola a evoluir, impulsionando a educação no País como um todo.

A régua, no entanto, não pode ser única, nem seus resultados tomados fora de contexto.

Naquele ano de 2009, o Sabin alcançaria a 11ª posição entre as escolas da cidade de São Paulo. Desde então, tem mantido consistência

de desempenho, ficando três vezes entre as 10 melhores (em 2010, 2011 e 2013) ou muito próximo disso (13ª em 2012, 12ª em 2014). São resultados que nos enobrecem, porque, embora tenhamos como uma de nossas metas estarmos entre as 10 melhores do Enem, consideramos que o maior valor dessa meta é nos oferecer um horizonte para o qual direcionar esforços, um instrumento de navegação.

Temos o cuidado de analisar os resultados do Enem com os devidos filtros, como, por exemplo, identificar com quais escolas nos interessa um comparativo mais apurado – por semelhança de porte, de número de alunos e de concepção educacional – e quais não. Temos acesso a microdados que compõem a média geral das escolas e atuamos em cada componente do nosso plano pedagógico que necessite de ajustes. Sabemos, por exemplo, quando um componente curricular foi desafiador para nossos alunos e quando foi para os alunos de todas as escolas. As providências a tomar, em cada caso, podem ser bastante distintas.

E o que é mais importante: fazemos isso sem esquecer que a excelência acadêmica, da forma como é medida pelo Enem, é, para nós, tão importante quanto a ampliação do repertório cultural e esportivo, do domínio de um segundo idioma e da promoção de valores humanistas. Que tenhamos conseguido honrar esse compromisso com desempenhos consistentes, sem abrir mão de nossos princípios mais fundamentais, é, para nós, o melhor resultado.



Áurea Bazzi
Coordenadora Pedagógica
do Ensino Médio
abazzi@albertsabin.com.br



Expansão da Consciência

Revista do Sabin,
3º trimestre
letivo 2015
ano XXI – nº 62

Na foto:
Clara dos Santos
Graça (sentada) e
Eduarda Akamine,
do 1º ano F.

4+5



+ Conversa Paralela
O que a Neurociência tem a dizer sobre o aprendizado

6+7



+ Educação Infantil
Brincando, a criança explora, dá sentido e integra-se ao mundo

8+9



+ Infantil e Fundamental I
Na construção do conhecimento, cada conteúdo é base para o próximo

10+11



+ Ensino Médio
Cresce o interesse de alunos por universidades estrangeiras

12+13



+ Multiculturalidade
A diversidade cultural do País ensinada na escola

14



+ Idiomas
No Teatro de Inglês, aulas de idioma, atuação e maturidade

15



+ Esportes & Cultura
Dando voz ao corpo por meio da Dança e do Balé

16



+ Encantamento
Ex-aluno fala do emprego que o ajuda a ajudar outros

17



+ Diagrama
O Sabin em números

18+19



+ Livre expressão
Intervenção estatal ou economia de livre mercado?

20



+ Criar Oportunidades
Associação Acorde leva lazer e cultura a bairro carente

EXPEDIENTE

A Revista do Sabin é um órgão de comunicação dos Colégios Albert Sabin e AB Sabin.

Colégio Albert Sabin. Av. Darcy Reis, 1.901, Parque dos Príncipes, São Paulo/SP – (11) 3712.0713 – www.albertsabin.com.br –
Colégio AB Sabin. Av. Martin Luther King, 2.266/2.280, São Francisco, São Paulo/SP – (11) 3716.5666 – www.absabin.com.br –
Mantenedores: Gisvaldo de Godoi, Neusa A. Marques de Godoi, Cristina Godoi de Souza Lima **Direção pedagógica:** Giselle Magnossão (Albert Sabin), Mônica Mazzo (AB Sabin) **Direção administrativa:** Fernando A. Mello **Marketing:** Adriana Vaccari **Colaboradores:** Áurea Bazzi, Denise Araújo, Dionéia Menin, Giselle Magnossão, Laércio Carrer, Mônica Mazzo **Projeto e coordenação editorial:** Bandeira 2 Comunicação Ltda. **Jornalista responsável:** Alexandre Bandeira (MTB 49.431) **Designer:** Giovanna Angerami **Fotografias:** Rodrigo Jacob **Revisão:** Adriana Duarte, Denise Aparecida Masson **Produção gráfica:** Ricardo Gomes Moisés **Impressão:** Flor de Acácia – 5.000 exemplares. **Distribuição gratuita.** 3º trimestre letivo 2015.



Elvira Souza Lima,
doutora em Ciências da Educação
e especialista em Neurociência

É o cérebro que aprende

FOMENTAR O DIÁLOGO ENTRE PEDAGOGIA E NEUROCIÊNCIA É UM TEMA CARO A ELVIRA SOUZA LIMA. PESQUISADORA DO DESENVOLVIMENTO HUMANO, ELVIRA É DOUTORA EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO, COM FORMAÇÃO EM NEUROCIÊNCIAS, PSICOLOGIA, ANTROPOLOGIA E MÚSICA. A ESPECIALISTA DEFENDE UMA ESCOLA QUE ALIE OS CONHECIMENTOS RELATIVAMENTE RECENTES SOBRE O FUNCIONAMENTO DO CÉREBRO HUMANO AO SABER ACUMULADO EM MILÊNIOS DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS. “PESQUISAS E TEORIAS DA NEUROCIÊNCIA TRAZEM UMA MELHOR COMPREENSÃO DE COMO O CÉREBRO PRECISA SE ORGANIZAR PARA APRENDER CONCEITOS, DOMINAR SISTEMAS SIMBÓLICOS E FORMAR INSTRUMENTOS PARA O PENSAMENTO. PORÉM, ESSE CONHECIMENTO NÃO SUBSTITUI A DIDÁTICA, A CIÊNCIA DE TRABALHAR COM O CONTEÚDO DAS ÁREAS DO CONHECIMENTO, DE FORMAR AS ATIVIDADES DE ESTUDO, E A APROPRIAÇÃO DOS MÉTODOS PARA QUE A CRIANÇA E O JOVEM APRENDAM”, DIZ ELVIRA. NESTA ENTREVISTA, ELA EXPÕE UM POUCO MAIS SOBRE O TEMA.

Quais os melhores exemplos de descobertas da Neurociência que implicam uma escola mais eficiente?

São vários. Destaco a descoberta dos neurônios espelhos, a participação do sistema emocional na aprendizagem dos conhecimentos escolares, a revelação de como o cérebro se organiza para aprender a ler e a escrever e de como ler

e escrever, embora relacionados, são aprendizagens distintas. Também as descobertas da Neurociência indicam para a importância da cooperação da família. Isso envolve desde garantir o sono e uma alimentação saudável até o uso adequado da tecnologia, com limite de tempo para interação diária com celular, computador, *games*, *tablets*, garantindo que as crianças tenham tempo para brincar,

movimentar-se. O movimento é uma estratégia importante de desenvolvimento na infância e, também, de garantia de bom desenvolvimento físico.

A onipresença das tecnologias eletrônicas no cotidiano é motivo de preocupação?

A tecnologia e a invenção de novas tecnologias fazem parte da evolução da cultura. Atualmente, vivemos um ritmo acelerado de mudanças tecnológicas. As sociedades e culturas reagem diferentemente ao uso da tecnologia durante a infância. No Brasil, por exemplo, a média de horas de permanência diária das crianças em interação com equipamentos tecnológicos é das mais altas do mundo. E isso não é bom. Há muitas pesquisas mostrando que o uso contínuo de tecnologia traz impactos por vezes negativos ao desenvolvimento infantil. Por exemplo, a Pediatria, em muitos países, recomenda que crianças não sejam expostas à tela e aos equipamentos eletrônicos até completarem dois anos. Limitar as horas de utilização deles é fato em muitos países. A onipresença de aparelhos eletrônicos também tem um impacto nos processos de relação humana face a face, expressão emocional e desenvolvimento da empatia. As pessoas interagem menos umas com as outras, e isso tem várias consequências no desenvolvimento do cérebro. A tecnologia em si não é o problema, o problema são os comportamentos que estão se instalando na vida em sociedade e o tempo excessivo dedicado ao manuseio de equipamentos.

O senso comum parece crer que a escola tradicional, expositiva, é incompatível com a criança do século XXI. Essa crença tem base na realidade?

As crianças atuais são, antes de mais nada, crianças. A infância do ser humano não mudou em seu processo de desenvolvimento. Ainda nascemos totalmente dependentes dos outros para sobreviver, levamos meses ou anos para engatinhar, andar e falar. A maturação do sistema nervoso e a do cérebro seguem a genética da espécie. Então, é importante não criar crenças falsas, pois a grande mudança refere-se à experiência cultural, que hoje inclui

a presença marcante da tecnologia da comunicação. No entanto, é o cérebro que aprende e depende da formação de memórias de longa duração. Em outras palavras, o que cada um sabe está gravado em seu cérebro. Para tanto, é preciso ter atenção e desenvolver a percepção, o que não acontece sem a educação dos sentidos. Daí a importância da diversificação de atividades da infância e da cultura, que “educam” a atenção. Como não há genética para as aprendizagens escolares, a criança precisa ser ensinada, precisa estudar para formar memórias. A aula expositiva não é um problema, ela faz parte da docência. O problema é *só aula expositiva*. São vários os componentes da docência: o aluno precisa aprender a pensar, lançar ideias, experimentar, aprender a fazer registro e, principalmente, dominar a escrita.

“Aula expositiva não é um problema. O problema é só aula expositiva.”

O que a Neurociência diz a respeito das competências socioemocionais ou não cognitivas, como persistência, colaboração ou extroversão?

Persistência, colaboração e abertura para novas experiências são formados pela educação que se dá à criança. Extroversão ou introversão são de outra natureza. A Neurociência explicita claramente a integração no funcionamento do cérebro entre as

áreas mais especializadas em cognição e o sistema emocional. Separar em competências cognitivas e não cognitivas é, então, uma questão a ser reconsiderada.

Que dicas daria aos pais que querem contribuir para o desenvolvimento dos filhos?

Os pais têm um poder bastante grande em formar comportamentos nos filhos dando exemplo, pois temos um cérebro aparelhado para imitar o outro. Então, eu diria que é preciso prestar atenção em nós mesmos, adultos. É preciso permitir tempo para a criança viver a sua infância, brincar, desenhar, e oferecer a ela muitas oportunidades de ouvir música. Melhor ainda, colocar o filho para aprender um instrumento musical. Para que o filho leia, é importante que ele presencie, desde bebê, os pais lendo. O leitor se forma pela prática de leitura, e vivenciá-la em casa é de grande importância.



Brincar é aprender

Brincando, a criança explora,
dá sentido e integra-se ao mundo.

O chão está coberto de almofadas. Os alunos do Pré I do AB Sabin, unidade de Educação Infantil do Colégio Albert Sabin, estão em volta, aguardando o comando. “Círculo”, diz a professora, e meninos e meninas vão em busca de almofadas circulares. “Vermelho”, diz em seguida, e o grupo sai em nova caçada, aos risos. A animação de todos é evidente, como é evidente o objetivo da brincadeira: ensinar formas e cores aos alunos. Um aprendizado simples que, mais à frente, abrirá caminho para áreas do conhecimento como a Geometria, a Física ou a Educação Artística.

O exemplo é claro, mas não é suficiente para ilustrar a importância da brincadeira na pré-escola. “O brincar é a base do desenvolvimento de *todos* os componentes curriculares e de *todas* as habilidades na primeira infância”, diz Mônica Mazzo, diretora pedagógica do AB Sabin. Nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, brincadeiras e interações são classificadas como “eixos norteadores” das práticas pedagógicas do ciclo. Brincar, na Educação Infantil, é mais do que um meio do aprender. *Brincar é aprender.*

“Brincar vai muito além do prazer e é importante para o desenvolvimento integral do ser humano nos aspectos físico, social, cultural, afetivo, emocional e cognitivo”, diz a coordenadora pedagógica do AB Sabin, Suzy de Souza. Apropriar-se de novos conhecimentos, aprender a conviver e a seguir regras, exercitar a imaginação e a capacidade de fazer planos, enumera Suzy, são apenas alguns dos resultados diretos que as brincadeiras e os jogos proporcionam para a criança.

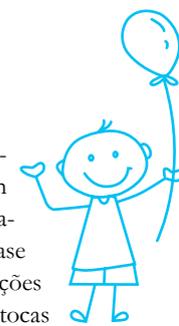
Dizer que é brincando que se aprende, no entanto, não significa dizer que o papel do professor seja o de mero

espectador em um parque de diversões. Professor e escola têm participação ativa no processo, mediando brincadeiras e disponibilizando brinquedos que devem acompanhar o desenvolvimento da criança. Mônica Mazzo dá um exemplo concreto de como se dá esse planejamento pedagógico:

“Não adianta querer que o aluno aprenda a escrever antes do tempo. A arquitetura do cérebro ainda não está pronta”. O que já dá para fazer, porém, é oferecer um brinquedo de alinhar (passar um barbante por furos com o auxílio de uma agulha) para a criança exercitar o movimento de pinça com os dedos polegar e indicador – habilidade que será usada, mais tarde, para segurar o lápis. “Do contrário, o aluno vai segurar de forma errada, o que pode gerar dores no braço ou na coluna, e vai se queixar: ‘Estou cansado, não quero mais fazer a lição’”.

Nos primeiros anos de vida, brincar é explorar o mundo. Brinquedos coloridos e de diferentes texturas – lisos, rugosos, duros, moles –, assim como atividades que demandam diferentes movimentos, compõem um arsenal que os professores têm à mão para promover a sensorialidade e a coordenação motora dos alunos. Brincar, nessa fase, é um exercício que se justifica por si só: pelo simples prazer de apalpar algo interessante, de bater um objeto no outro para produzir sons ou de rolar no chão.

É só num segundo momento que o lúdico passa a ter, também, função simbólica. Uma caixa não é mais só uma caixa, pode ser um carro; um ursinho é o filho que precisa de cuidados. A fase do faz de conta é fundamental para a criança, pois é quando ela começa a perceber uma ordem no mundo – existem pais, mães, professores, médicos,



guardas de trânsito, vendedores – e começa a representar papéis, testando situações que viverá em seu meio social, experimentando sentimentos, manifestando inclinações e vontades. É também a fase em que a criança começa a lidar com as convenções – o bebê precisa de alimentação e banho, as motocas precisam respeitar o semáforo, o cliente precisa pagar pelas compras no mercado –, algo que será acentuado, um pouco mais tarde, com brincadeiras e jogos de regras. Para participar do jogo *e da sociedade*, a criança aprende, ela tem de respeitar as normas estabelecidas pelo grupo.

“Brincando, a criança elige suas afinidades e vínculos, negocia, resolve conflitos, estabelece relação de confiança com o colega, comunica-se”, diz Mônica Mazzo, que enfatiza a importância do grupo para o aprendizado, com um lembrete para os pais: “Toda semana, nas ‘sextas-feiras do brinquedo’, os alunos trazem um brinquedo favorito de casa. Tivemos de explicar às famílias que trazer *iPads* não era adequado, por mais que a criança goste deles, pois não proporcionam a mesma interação desejada”.

Em todo o percurso que vai de explorar o mundo a dar sentido e integrar-se a ele por meio do brincar, escola e professores têm a função de garantir que o processo seja o mais rico possível. Em entrevista publicada na internet¹, a doutora em Educação Tizuko Kishimoto, fundadora do Laboratório de Brinquedos e Materiais Pedagógicos, da USP, afirma: “Um brincar de qualidade só vai acontecer quando houver mediações; o professor pode e deve entrar na brincadeira”. Ela cita o caso de uma professora que, tendo percebido uma aluna “lavando e enxugando pratos” na camisa, prontamente ofereceu um pano para a menina continuar em sua fantasia. Segundo a especialista, intervenções como essas, além da estrutura adequada – como espaços que simulem cozinhas, quartos ou consultórios médicos –, são essenciais para que o faz de conta aconteça.

Porém, mesmo contando com pátios, brinquedoteca, bosque, diversos brinquedos pedagógicos em sala de aula e uma equipe preparada, a diretora do AB Sabin lembra que o Colégio não pode ser o único espaço de brincadeiras da criança. “É compreensível que, nos dias de hoje, pais e mães tenham pouco tempo de interação com os filhos. Mas é necessário brincar com eles. No AB Sabin, inclusive, chegamos a criar alguns jogos simples de percurso para entregar aos alunos. É a lição de casa deles: jogar com os próprios pais”.

¹ <https://goo.gl/EPAZ2p>



A construção do conhecimento

Como o planejamento pedagógico de cada disciplina faz o aprendizado evoluir ao longo dos anos.

As primeiras lições de História que uma criança aprende são de sua história pessoal: “Como eu nasci? Como eu era quando bebê?” O primeiro mapa que uma criança aprende a reconhecer é seu mapa corporal: ao ver o contorno do próprio corpo desenhado no chão, ela percebe uma representação gráfica da realidade. Os primeiros gráficos matemáticos ensinados na escola são construídos com os alunos enfileirados, de acordo com critérios simples (meninos e meninas, filas por cores, etc.), e fotografados de um ângulo que permita visualizar os dados quantitativos (“tem mais meninos ou meninas?”, “quantos estão de azul?”).

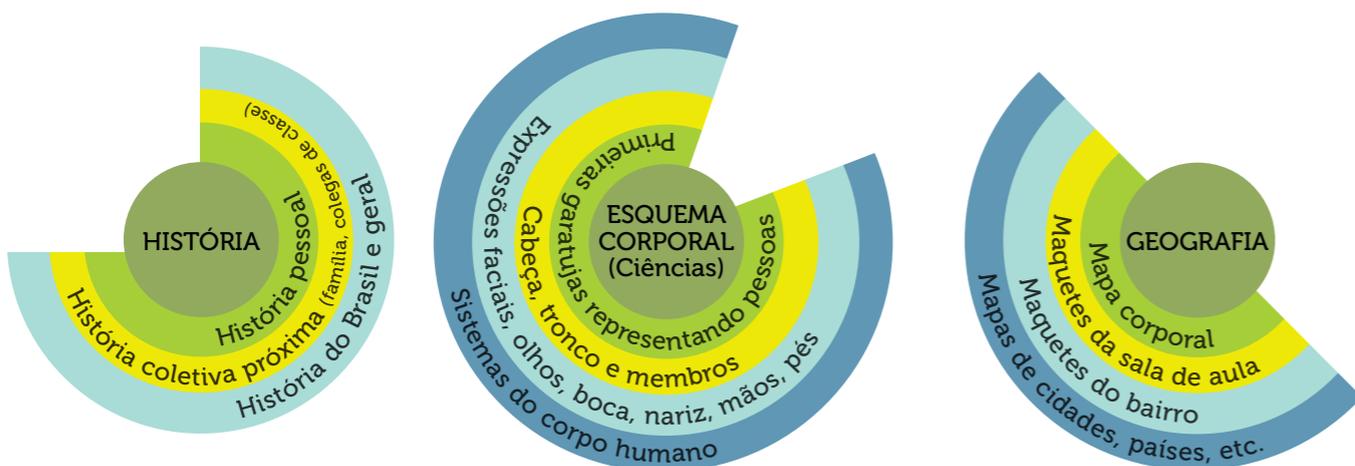
Nada disso é à toa. Se o primeiro referencial da criança é ela mesma, é por ela que se inicia a construção do conhecimento. É pelos sentidos físicos que começamos a apreender o mundo, é por nos movimentar que adquirimos noções espaciais (lateralidade, em cima, embaixo, atrás, à frente), é pela vivência de uma rotina que dominamos a ideia de

sucessão temporal (antes, agora e depois). E é a partir desse primeiro estágio que se desencadeia um processo que pauta a elaboração de um plano pedagógico: a ordenação dos conteúdos numa sequência progressivamente mais complexa, cada aprendizado servindo de base para o próximo.

Poucas vezes esse processo ficou tão evidente como na mais recente Mostra Cultural Sabin, realizada no início de outubro. Neste ano, os trabalhos dos alunos da Educação Infantil e do Ensino Fundamental I foram organizados não mais por série, mas por disciplina. Cada estande foi montado de forma a evidenciar a evolução dos aprendizados ao longo dos anos, em cada área do saber, do autorreferencial e concreto para o universal e abstrato. “Para nós, o novo modelo foi um grande ganho, por mostrar aos pais a qualidade e os efeitos do nosso trabalho”, diz Dionéia Menin, coordenadora pedagógica da Educação Infantil e do Ensino Fundamental I. “Eles puderam perceber, concretamente, o avanço do conhecimento”.

Do autorreferencial ao universal

Começando em si mesmos, alunos aprendem a olhar cada vez mais longe.



Alunos desenharam o próprio corpo no chão: é o primeiro “mapa” que aprenderão nas suas vidas.

Primeiro, é apenas um círculo imperfeito e alguns traços no papel. Para uma criança de 3 anos, porém, o desenho representa uma pessoa. “As garatujas dos alunos do Maternal estão no início do trabalho com o esquema corporal”, diz a assessora de Ciências, Adriana Alonso. Segundo ela, a forma como a criança desenha uma pessoa corresponde ao seu grau de conhecimento sobre o próprio corpo e sobre o corpo humano em geral.

Assim, o desenho que, inicialmente, é uma coisa só vai se desmembrando em uma imagem cada vez mais refinada. No Pré I, por exemplo, o aluno já sabe identificar, em si e no papel, cabeça, tronco e membros. No Pré II, o rosto ganha expressões, por meio de variações em olho e boca; braços ganham mãos, mãos ganham dedos. O 1º ano explora os cinco sentidos, até que, no 2º ano, o aluno está pronto para olhar para dentro de si. Vem o estudo sobre micro-organismos e alimentação saudável, sucedido pelo estudo dos sistemas locomotor (3º ano), digestório, respiratório, circulatório (4º ano), urinário, reprodutivo e nervoso (5º ano).

Da fase da garatuja inicial à representação mais completa e precisa do organismo humano, todo o processo do aprendizado estava retratado no estande de Ciências da Mostra Cultural, em desenhos e projetos de alunos do Maternal ao 5º ano. E, como puderam comprovar os visitantes da Mostra, as demais disciplinas seguiam lógica semelhante.

O trabalho de História, por exemplo, começa na Educação Infantil como parte da área Natureza e Sociedade. Nessa fase, alunos que ainda mal dominam o conceito de tempo – muito menos o de tempo histórico – investigam sua própria história, perguntando aos pais sobre a origem de seus nomes e sobre como eram ao nascer. “Temos um projeto do Pré II em que cada aluno recebe um boneco de pano que o representa, confeccionado com as medidas

aproximadas em que nasceu”, cita Luciana Vidal, assessora de História e Geografia. “Eles levam os bonecos para casa, para adaptá-los à sua semelhança: colocam cabelos, olhos, roupinhas”. A comparação entre quem são hoje e quem já foram representa um dos primeiros momentos em que eles percebem mais claramente a passagem do tempo.

A partir do Fundamental I, porém, a perspectiva vai se ampliando: da história particular de cada um, partem para a história de suas famílias e de seu meio social direto, confeccionando árvores genealógicas e relicários de classe, estes últimos com objetos significativos do passado de cada aluno. Só a partir do 3º ano eles entram em contato com a História do Brasil e do mundo.

Já em Geografia, iniciada também nas aulas de Natureza e Sociedade da Educação Infantil, mapas corporais dão lugar a maquetes da sala de aula e, em seguida, do bairro, que dão lugar a mapas e relevos virtuais de cidades, países, continentes, chegando ao mapa-múndi e, até, a mapas astronômicos.

Enquanto isso, em Matemática, aqueles primeiros gráficos montados com os próprios alunos enfileirados vão sendo substituídos por gráficos que exigem maior grau de abstração e domínio de novas variáveis, como gráficos de barras (comparações de dados estáticos), de linhas (extrapolação de dados estáticos em tendências) e de setores (análise da relação entre as partes e o todo).

Expostos lado a lado na Mostra, os projetos dos alunos ao longo das séries formavam um percurso pelos conteúdos aprendidos em cada área do conhecimento. O modelo não poderia ter dado mais certo. “Recebemos um *feedback* positivo das famílias, confirmando o acerto da nossa decisão”, diz Dionéia Menin. “Eles afirmaram que puderam entender melhor o contexto daquilo que seus filhos tinham aprendido e do que ainda aprenderão”.

Projeto: estudar fora

Cresce o número de alunos interessados em universidades estrangeiras.

Leonardo Guilhoto é aluno do curso de Física da Universidade de São Paulo – na área, o mais conceituado do País e um dos 100 melhores do mundo, de acordo com diversos *rankings* internacionais. Leonardo é o primeiro a reconhecer o privilégio de estudar no Instituto de Física da USP, e bem poderia continuar ali, sem ter a menor dúvida de começar carreira com o pé direito. Mas, mesmo antes de passar no vestibular, outra ideia não lhe saía da cabeça: estudar fora do Brasil.

“Ponderei o custo financeiro e emocional”, diz o jovem, ex-aluno do Sabin. “Sabia que seria difícil, mas pensei: ‘Se não tentar agora, daqui a dez anos vou me arrepender’”. Decidido, passou o último ano no Colégio dividido entre estudar para vestibulares no Brasil e candidatar-se a uma vaga em alguma universidade de ponta nos Estados Unidos. “Se era para ser, que valesse a pena”.

Pesquisou a fundo sobre os principais exames padronizados exigidos pelas instituições americanas, como o SAT e o ACT, e sobre o Common Application, sistema *on-line* de envio de applications (candidaturas), adotado por mais de 500 universidades. Reuniu cartas de recomendação de alguns professores. Adquiriu o certificado TOEFL, de proficiência no Inglês. Em pleno ano de vestibular, chegou a dedicar dois meses de preparação para o SAT, investindo tempo e dinheiro – “comprei livros na Amazon, paguei as taxas” –, que, no fim, deram o resultado esperado. Foi aceito pela Universidade de Chicago, uma das 20 melhores do mundo em Física. Começará a cursá-la em setembro de 2016.

O interesse de Leonardo em estudar no exterior não é isolado, e o Sabin está ciente disso. “Decidimos que ajudaríamos mais nossos alunos a se prepararem para esse desafio”, diz Áurea Bazzi, coordenadora do

Ensino Médio. Para isso, o Colégio está buscando se apropriar de todas as informações relativas ao processo, aproximando-se de entidades como a Associação Alumni, centro de orientação, no Brasil, da rede EducationUSA, fonte oficial do governo norte-americano sobre estudos nos Estados Unidos.

Em setembro, uma palestra com duas representantes da Alumni comprovou o acerto da iniciativa do Sabin. “Marcamos a palestra com pouco tempo de antecedência, em um horário de pico (18h), e mesmo assim o anfiteatro lotou”, diz Áurea. Segundo ela, convidar profissionais de fora para aconselhar as famílias interessadas é apenas um primeiro momento. “Nossa ideia é nos qualificarmos tecnicamente para que nós mesmos possamos passar as informações”.

Além de orientações técnicas – documentação necessária, locais de realização de provas, obtenção de vistos e certificados, etc. –, a ideia é oferecer conselhos práticos que fazem a diferença para quem quer ser aceito numa universidade estrangeira. Como a dica da orientadora da Alumni Cristina Tavares, de que, além de boas notas, é importante o aluno participar de atividades extracurriculares e demonstrar interesses variados (ver outras dicas no quadro).

Leonardo Guilhoto, por exemplo, embora direcionado para a Física, certamente se beneficiou da carta de recomendação de seu professor de Teatro, Ricardo Sonzin Jr., elogiando o ex-aluno. “O ambiente universitário americano é, em geral, mais interdisciplinar, e essa pluralidade de interesses é muito bem-vista”, diz.

Assim como ele, Julia Guidi, concluinte da 3ª série do Ensino Médio, conta com essa característica para conseguir uma vaga no curso de Medicina da Liberty University, na Virgínia (EUA). “Sempre me interessei por Teologia, e a Liberty é uma universidade cristã. Quero aproveitar para também estudar esse campo”, diz a aluna, que está iniciando o caminho já percorrido por Leonardo, de pesquisar a fundo todas as variáveis. “Um dos motivos de estudar nos Estados Unidos é que lá existem mais oportunidades de bolsa por mérito escolar. Eu vou precisar. Pelo que calculei, serão US\$ 4 mil, com alimentação e estadia”.

Orgulhosa dos alunos, Áurea quer agora dar continuidade à qualificação do Sabin no assunto, para que, no futuro, o Colégio possa ajudar ainda mais os próximos Leonardos e Julias a realizarem seus sonhos.

6 dicas para estudar nos EUA

ORGANIZE-SE

O processo de seleção das universidades desejadas – de reunião da documentação, preenchimento de formulários, provas, obtenção de vistos e certificados – leva cerca de um ano.

CONSIDERE TODOS OS FATORES

A escolha da instituição deve levar em conta outros aspectos além da qualidade do ensino. Por exemplo: quem gosta da vida agitada de uma metrópole talvez não se adapte à rotina universitária em cidades de porte médio. Há quem prefira instituições menores, outros um grande campus. Já quem gosta de esportes pode se dar melhor em universidades com tradição esportiva.

PESQUISE, PESQUISE, PESQUISE

Na busca pelas universidades ideais, um bom ponto de partida é o *site* das instituições. E não deixe de utilizar os serviços do EducationUSA: centenas de universidades visitam os escritórios no Brasil para apresentar seus cursos. Procure associações de ex-alunos e converse com eles. E, se possível, visite as universidades desejadas.

MONTE UMA LISTA ESTRATÉGICA

Em geral, estudantes disputam simultaneamente o processo de admissão de até dez instituições de ensino. Ao montar sua lista, faça uma divisão equitativa entre aquelas mais e menos seletivas e exigentes.

ENRIQUEÇA SEU PERFIL

O histórico escolar tem peso grande na aceitação do aluno, mas a seleção leva em conta diversos aspectos ao montar o perfil do estudante. Daí a importância das atividades extracurriculares: atividades esportivas ou artísticas, participação em olimpíadas acadêmicas, trabalhos voluntários e, até, ajuda com tarefas domésticas.

CONHEÇA SUAS OPÇÕES DE BOLSA

Estudar numa universidade dos EUA pode significar despesa anual entre US\$ 20 mil e US\$ 60 mil. Para aliviar o peso, o candidato pode tentar bolsas de estudo. Em geral, são baseadas em mérito acadêmico, esportivo ou cultural, oferecidas pelas próprias universidades, pelo governo ou por fundações.

Para mais informações:

- <http://educationusa.org.br>
- <https://educationusa.state.gov>
- <https://eduusaalumni.wordpress.com>



Outras vozes que narram o mundo

Explorar a diversidade cultural brasileira é enriquecer a perspectiva histórica e a visão crítica dos alunos.

“A feição deles é serem pardos, maneira de avermelhados, de bons rostos, bons narizes, bem-feitos. Andam nus, sem cobertura alguma. [...] Parece-me gente de tal inocência que, se homem os entendesse e eles a nós, seriam logo cristãos, porque eles, segundo parece, não têm nem entendem em nenhuma crença.”

Carta de Pero Vaz de Caminha (1ª de maio de 1500)

Por séculos, o que as crianças brasileiras aprendiam na escola sobre os povos indígenas do País refletia a primeira impressão de Caminha. Nossos índios, que à época da *Carta* existiam em milhões, distribuídos em centenas de etnias, eram retratados uniformemente como inocentes, saudáveis, em harmonia com a natureza, desprovidos de cultura ou ciência. A depender deles, o mundo encontrado pelos portugueses permaneceria o mesmo, sem transformações. Daí que, para todos os efeitos, a História do Brasil começava a partir de Cabral.

Os negros trazidos à força, algumas décadas depois, também tiveram direito a história prévia. Vinham da África, eram escravos, isso bastava: sua participação nos livros didáticos começava ali e resumia-se à luta pela liberdade.

A reparação de tais equívocos está apenas no início, tendo como marcos as leis federais que fizeram incluir a temática “História e Cultura Afro-Brasileira” (em 2003) e “Indígena” (em 2008) no currículo escolar, não como disciplina específica de uma série determinada, mas de maneira interdisciplinar, “em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras”. Mais do que problematizar a aproximação entre nativos e colonizadores e entre colonizadores e escravos, a sociedade entendeu que é preciso devolver ao índio e ao negro suas

identidades, além daquelas impostas pela perspectiva europeia (“nativos” e “escravos”). É preciso devolver a esses povos alguma agência na construção do Brasil.

Kabá Darebu é um menino de 7 anos. Sua vida, como a das outras crianças do seu povo, os Mundurukus, não é igual à dos alunos da Educação Infantil do Sabin. Para começar, ele mora numa casa de barro coberta com folhas de palmeiras, que divide com seus pais, irmãos, avós, tios e primos. Além disso, desde muito cedo, as crianças Mundurukus aprendem a observar o curso dos rios, o voo dos pássaros e as estrelas, de onde retiram conhecimento real e prático. Em outros aspectos, porém, Kabá Darebu é um menino como outro qualquer: brinca de esconde-esconde e pega-pega, joga futebol. É diferente, mas não é estranho.

“Buscamos passar a mensagem de que diferente não é pior nem melhor, é diferente”, diz Dionéia Menin, coordenadora pedagógica da Educação Infantil e do Fundamental I. Segundo a coordenadora, o primeiro contato dos alunos com culturas de tradição africana e indígena na escola não se dá pelo viés histórico – até porque eles ainda não têm noção de tempo histórico formada –, mas por meio de livros e atividades que lhes apresentem personagens e costumes representativos dessas culturas, sob uma luz positiva.

Do Maternal ao 1º ano, as professoras trabalham obras como *Menina Bonita do Laço de Fita* (um coelho branquinho faz de tudo para ficar pretinho como uma menina que ele acha linda), *O Que Há de África em Nós* (sete crianças descobrem influências africanas na cultura brasileira, como palavras, danças e músicas) ou *Kabá Darebu*, de Daniel Munduruku – escritor, filósofo, historiador, doutor em Educação e talvez o mais ilustre representante de seu povo.

“Outro foco, nessa fase inicial, é a identificação com valores das culturas indígena e africana, como o respeito à natureza ou a importância da ancestralidade e da família”, diz Dionéia. Em um trabalho de Arte do 1º ano, por exemplo, professoras ajudam alunos a confeccionar bonecos de pano que representem familiares, utilizando uma técnica de origem iorubá: são os *abayomis*, bonecos que mães africanas faziam com as barras das saias, para divertir as filhas.

À medida que avançam no Ensino Fundamental, a aproximação dos alunos com as culturas africana e indígena (assim como com a cultura popular brasileira de raiz ibérica e com as diversas culturas de imigrantes) revela aprofundamento histórico e crítico.

“O 3º ano é dedicado ao Brasil antes de Cabral”, diz Luciana Vidal, assessora de História e Geografia. Para gerações acostumadas a uma escola que se limitava a perpetuar estereótipos no 19 de Abril, talvez surpreenda um ano inteiro de aulas sobre Pindorama (ou “terra das palmeiras”, como batizaram a costa brasileira os tupis-guaranis). Mas não falta conteúdo – como palavras, hábitos alimentares, costumes e crenças – nem cabem os antigos estereótipos: uma palestra de Daniel Munduruku, que vem ao Colégio em roupas do dia a dia (calça e camisa) para falar do livro *Coisas de Índio*, é significativa nesse sentido.

Nas aulas de Artes, por sua vez, a professora Cris Ferraz encontra a base conceitual para trabalhar grafismos indígenas (3º ano) e africanos (4º ano) em livros como *Arte Indígena* e *Arte Africana*, da coleção “Artistas Anônimos” (Ed. Moderna): “Os primeiros revelam a proximidade com a natureza, com desenhos inspirados em peixes (losangos) ou no caminhar da saúva (linhas em zigue-zague) e da cobra (linhas sinuosas)”, diz a professora. “No 4º ano, também exibimos um vídeo sobre a comunidade Tiébélé [de Burkina

Faso], que mostra a beleza e o significado dos padrões geométricos pintados em tecidos, cerâmicas e corpos”.

O 4º ano é quando, em História, chegam os portugueses ao Brasil, e com eles os africanos. A visão crítica da relação entre os dois povos mostra-se em trabalhos como a pesquisa que resgata a importância de personalidades negras, como os irmãos engenheiros André e Antônio Rebouças e o também engenheiro, geógrafo e historiador Teodoro Sampaio. Ou na visita a uma fazenda de café que mantém preservadas a casa-grande e a senzala. Ou, ainda, na réplica de navio negreiro exibida na Mostra Cultural deste ano, em que dezenas de bonecos de barro foram amontoados, como de fato acontecia com os cativos africanos.

Mais adiante, os alunos têm a chance de aprender que “a história da África é muito maior do que a escravidão no Brasil”, como coloca Maria Isabel Fragoso, assessora de História do Fundamental II e Ensino Médio. Ela se refere às aulas sobre Imperialismo a partir do 8º ano, em que se percebe como a divisão arbitrária do continente africano em colônias, no século XIX, produz efeitos até hoje, em guerras civis que levam massas de refugiados a buscarem segurança nas próprias nações responsáveis pelos conflitos. “Olhar o mundo de hoje criticamente, para evitar preconceitos, demanda distanciamento histórico”.

Também ajudam leituras como os livros do moçambicano Mia Couto – *A Menina sem Palavra*, *O Último Voo do Flamingo* e *Terra Sonâmbula* (este último, na lista do vestibular da Unicamp) – ou do jornalista polonês Ryszard Kapuscinski – *Ébano*, sobre as lutas por independência e anos pós-coloniais de diversos países africanos. São leituras que ajudam a conhecer outros pontos de vista e a relativizar valores eurocêntricos, não apenas como forma de reparação com povos tradicionalmente oprimidos, mas, principalmente, como lição para que as novas gerações jamais ignorem a diversidade de vozes que contam a história do mundo.



Na página ao lado, acima, e no rodapé de ambas as páginas, máscaras e estampas inspiradas em culturas africanas; ao lado, colar inspirado em cultura indígena brasileira: trabalhos confeccionados por alunos do Ensino Fundamental I.

Evoluindo em público

No Teatro de Inglês, alunos desenvolvem idioma, atuação e maturidade.

Cenário: palco do Anfiteatro Picasso, transformado em típico *saloon* de faroeste para a montagem de *Tennessee*, peça que abriu o IX Festival Sabin de Teatro. Personagens: 14 jovens com o desafio de interpretar um roteiro de mais de 8 mil palavras em Inglês (e mais um punhado em Espanhol) para uma plateia de alunos, pais e convidados. O resultado, como era de se esperar: um sucesso.

Criado em 2002, o grupo de Teatro de Inglês do Sabin – modalidade cultural oferecida pelo Programa Sabin+Esportes&Cultura a estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental à 3ª série do Médio – vem apresentando, ano após ano, espetáculos de qualidade, frutos de um projeto cujos benefícios, para os alunos, vão além do idioma e da dramaturgia.

Segundo o professor de Inglês Roberto Pardo – Bob, como é conhecido –, “o grupo surgiu para possibilitar ao aluno um pouco mais de vivência da língua estrangeira, em um contexto mais lúdico”. E, de fato, para alguns, exercitar o Inglês no palco, em frente a dezenas de espectadores, parece ter ajudado a vencer o medo de errar. “Quando entrei no grupo, não falava muito bem o Inglês. Mas o Teatro é mais descontraído, mais leve”, diz Marco Allodi, da 3ª série, que hoje se diz mais confiante no uso da língua.

“Temos atores de níveis diferentes, e nem sempre os mais fluentes são os protagonistas”, diz Bob. “Às vezes, eles preferem ser coadjuvantes, porque estão na fase do

vestibular, já estão estudando muito. E há os mais novos que querem papéis maiores, como um desafio”.

Veterana do grupo, também da 3ª série, Gabriela Maeda garante: “No Teatro, aumentei meu vocabulário, melhorei minha pronúncia, entonação, uso das vírgulas”. Seu depoimento deixa claro que, se o Teatro amplia o repertório linguístico, o Inglês faz o mesmo pelo repertório dramático. Segundo ela, para se fazer entender até por quem, na plateia, não domina o idioma, os atores precisam “compensar na expressividade, nos movimentos do corpo”.

Responsável pelo único falante em espanhol de *Tennessee* – o hilário *El Mexicano* –, Eduarda Freire cita mais uma razão para participar do projeto: a socialização. “Eu acho interessante a oportunidade de misturar alunos do Fundamental II e do Médio”, diz Eduarda, do 9º ano.

Contribui para isso a própria natureza colaborativa do Teatro, como lembra o professor de Teatro Ricardo Sonzin Jr. “Tudo é feito coletivamente, da escolha do roteiro à distribuição dos papéis. Eles escolhem quem melhor se encaixa, sempre pelo bem da proposta”. O sentimento de engajamento derivado do convívio intenso (são quatro aulas por semana), segundo Bob, gera um amadurecimento emocional e atitudinal notável no fim do processo. “Talvez eles mesmos não percebam, mas é bem visível para mim como eles entram e como saem, muito mais maduros”.



Os professores “Bob” e Ricardo dirigem seus alunos em ensaio da peça *Tennessee*.

Alunas de Balé da professora Fernanda: transmitindo ideias e contando histórias sem usar palavras.



O poder do movimento

Nos cursos de Dança e Balé, expressão corporal e repertório cultural são o foco.

“Eu não sei dançar, professora”. Carolina Furtado ensina Dança no Sabin desde 2012 e já ouviu essa frase algumas vezes. A atividade é oferecida pelo programa Sabin+Esportes&Cultura para turmas do 8º ano do Fundamental à 3ª série do Ensino Médio. Sua resposta para vencer a hesitação das alunas é sempre a mesma: “Tudo bem, você sabe caminhar. Caminhe pela sala. Corra. Role no chão. Mas faça com expressão”.

Desmaquinar o corpo e descobrir a expressividade escondida nos movimentos, explica Carolina, é o principal objetivo do curso. “Só depois vem a técnica”.

Segundo a professora, embora parte da turma se destaque e receba treinos mais rigorosos, chegando a participar de festivais e competições de Dança interescolares, a proposta do Sabin não é profissionalizante. Em vez disso, o curso “passeia” por diversos estilos – jazz, danças populares, dança clássica, etc. –, priorizando não a especialização, mas a ampliação de repertório. (E não apenas das alunas: seja em aulas abertas, seja nas diversas ocasiões em que o grupo se apresenta no Colégio, o curso também não deixa de ser um estímulo à formação de público para a Dança, oportunidade de enriquecimento cultural para plateias de alunos, pais e convidados.)

De abordagem semelhante, o curso de Balé também é oferecido pelo Sabin+Esportes&Cultura, mas para alunas do 2º ao 8º ano do Fundamental. Segundo a professora Fernanda Massarico, as aulas têm base conceitual inspirada em três escolas consagradas do Balé clássico:

a metodologia russa Vaganova (utilizada pelo Bolshoi), a francesa e a britânica, do Royal Ballet – esta última, indicada para turmas mais jovens, por ser a mais lúdica. E, duas vezes por ano, as alunas participam de saídas pedagógicas, organizadas pelo Sabin, para assistir a espetáculos de Balé profissional.

No entanto, Fernanda ressalta: “A abordagem não pode ser tecnicista. Não temos tempo para isso, nem é essa a intenção. O que queremos é que elas percebam como é possível transmitir ideias e emoções, contar histórias inteiras sem usar palavras, apenas pantomima: a bailarina põe a mão no coração, e a plateia entende que ela está apaixonada”.

O foco, como na Dança, é explorar a expressão corporal, a consciência rítmica e, até, os benefícios para a saúde. “Dançar é a minha atividade física, por exemplo”, diz Carolina.

Pode ser também, continua ela, um grande estímulo à autoestima. A professora conta que as alunas iniciam o curso esperando “produtos prontos”, imaginando que ela lhes peça coreografias específicas, mas o processo é outro: passos e movimentos são decididos, muitas vezes, coletivamente. “Dependendo do que se quer expressar, elas sugerem ideias. Com o tempo, percebem que saber dançar não é copiar vídeos na internet ou cliques de cantoras *pop*. *Elas podem criar*”, exclama. “Esse exercício criador e o domínio sobre o próprio corpo se refletem numa postura muito mais confiante das alunas, mais adiante”.

Vocação para fazer um mundo melhor

Ex-aluno ajuda pessoas a encontrarem trabalhos voluntários e empregos com valores sociais, no Brasil e no mundo.

Quem conviveu com Cesar Sabatino no Sabin, onde cursou os três anos do Ensino Médio, se lembra de um sujeito afiado na Matemática e um tanto tímido. Cesar continua à vontade com os números, mas garante que a introversão ficou pelo caminho desde que sua vida deu uma guinada, no fim de 2014. Para entender o que aconteceu, é preciso voltar no tempo, até 2009, quando passou no vestibular de Física Médica da Unicamp.

Ao longo da graduação, como acontece com muitos jovens, Cesar acabou descobrindo que aquela não era exatamente a profissão que imaginava. “Só que aí ‘bateu o medo’ de largar um curso concorrido, numa universidade pública”, lembra. No entanto, ele foi em frente. Desistiu do curso em Campinas, prestou vestibular novamente e hoje cursa o segundo semestre de Marketing na USP Leste. O passo seguinte de sua transformação foi se tornar membro da Aiesec.

Essa sigla cheia de vogais (originalmente, “Associação Internacional de Estudantes de Ciências Econômicas e Comerciais”, em francês, embora o nome por extenso não seja mais utilizado) é uma organização global comandada por jovens entre 18 e 30 anos, reconhecida pela ONU, e com representação em 125 países. Ela funciona como ponte para quem busca uma experiência profissional ou trabalho voluntário no exterior, junto a empresas e ONGs



Cesar Sabatino com suas colegas no escritório da AIESEC.

Conheça o trabalho da **AIESEC**: <http://www.aiesec.org.br/>

que partilham conceitos como tolerância, igualdade e bem-estar social. Tanto traz gente de fora do País para o Brasil como leva jovens daqui para o exterior.

Cesar chegou à Aiesec depois de ouvir uma amiga falar bem da instituição. “Poderia ter optado por um estágio convencional e, então, provavelmente, só ajudaria uma empresa a ganhar dinheiro. Na Aiesec, sinto que o meu trabalho ajuda a fazer um mundo melhor”, diz. Em vez de se candidatar a um estágio ou voluntariado fora do País, Cesar optou por concorrer a uma vaga para trabalhar na própria instituição. Passou pelo processo de seleção e, desde agosto, trabalha com o que chama de venda de intercâmbio profissional. Sua missão é visitar empresas, explicar o trabalho da Aiesec e verificar se estão interessadas em receber um estagiário do exterior.

Uma de suas visitas foi ao Sabin. E o Cesar que esteve no Colégio há poucos meses era um cara bem diferente do tímido estudante de anos atrás. “Acho que saí da casca, estou mais aberto ao mundo. Esse é objetivo da Aiesec: ajudar a gente a descobrir e a desenvolver os próprios talentos e o espírito de liderança”. O seu período de trabalho na instituição termina no fim do ano, mas Cesar vai se candidatar a mais um, agora mirando uma função gerencial. Ele quer continuar a crescer e a fazer a diferença.

Laboratórios do Van Gogh

Biologia, Física e Química não se aprendem só em sala de aula. Por isso, alunos do 9º ano do Ensino Fundamental à 2ª série do Ensino Médio contam com laboratórios para cada uma dessas disciplinas no Prédio Van Gogh, estruturados com mobiliário e recursos necessários para a realização de experiências e procedimentos que ilustram, na prática, os conteúdos aprendidos. Conheça um pouco mais sobre eles.

Cerca de **120** aulas-laboratório por ano (1 por semana de cada disciplina)

20 alunos por aula (+1 professor e 1 técnico)

Para maior aproveitamento, as classes se dividem: metade no laboratório de Física, metade no de Química. Ou metade no de Biologia, metade na Educação Física.

4

bancadas hexagonais (para grupos de 5 alunos)

* Com acesso a torneiras, saídas de gás e tomadas.

Animais conservados (Lab. Biologia)

Conservados em álcool ou formol, usados em aulas de Zoologia, para observação. A dissecação é feita com outros animais (lulas, polvos, peixes, rãs, etc.), adquiridos mortos de fornecedores especializados.

- | | |
|-------------------------|------------------------------|
| 5 morcegos | 5 siris |
| 1 coração de boi | 1 lagosta |
| 3 cobras | 2 polvos |
| 2 lagartos | 1 lula |
| 1 tartaruga | 3 gastrópodes |
| 2 rãs | 1 água-viva |
| 2 sapos | 1 esponja |
| 1 arraia | 1 tênia (solitária) |
| 1 cavalo-marinho | 1 ascáride (lombriga) |
| 1 tubarão | |
| 3 escorpiões | |
| 2 aranhas | |

Segurança

• **Conjunto de EPIs - Equipamentos de Proteção Individual** (1 por aluno):

- Avental
 - Óculos de proteção
 - Luvas de procedimento
 - Máscara cirúrgica
- Obs.: a depender da atividade, não é preciso óculos, luvas e máscaras.

- **Cubas com torneira ou lavabos** (para lavar mãos e olhos)
- **Chuveiro de emergência** (Lab. Química)
- **Bombona para resíduos químicos** (Lab. Química)
- **Extintores de incêndio na entrada**



Perspectiva intervencionista para a crise econômica

Diante de turbulências tanto na economia brasileira como no cenário internacional, faz-se necessário repensar o sistema capitalista vigente, de maneira a retomar o crescimento, aliado ao desenvolvimento social. O presente quadro nacional de estagnação do Produto Interno Bruto (PIB), de déficit público em ascensão e de crescente inflação por custos, revela a urgência de reformas estruturais. A responsabilidade deve recair sobre um Estado proativo e comprometido em atenuar distorções características da economia de mercado, por meio da execução de políticas fiscal e monetária, a fim de resguardar direitos sociais e civis caros à democracia.

Considerável parte dos entraves ao desenvolvimento brasileiro reside na estrutura socioeconômica oligárquica que tem se perpetuado ao longo da história nacional, dissonante do espírito republicano. As heranças da sociedade do privilégio e do diálogo desigual entre atores sociais e re-

gionais marcam as estruturas política, tributária e agrária do País, em prejuízo da produtividade econômica, da equidade jurídica e da consolidação do Estado de Direito. Embora a recente ascensão, entre 2004 e 2010, de aproximadamente 32 milhões de pessoas às classes médias e a saída de 19,3 milhões da pobreza, resultado de programas de redistribuição de renda e ampliação do crédito à micro e à pequena empresa, tenham sido preponderantes para o robustecimento do mercado consumidor e do setor de serviços, urge redefinir mais profundamente a configuração sócio-política atual. Não só para assegurar o poder de compra da classe média emergente, mas também para mobilizá-la em torno de um projeto político integrativo que ratifique seu papel central na economia e na cena política brasileira.



Renato Campioni de Silos Ortega,
3ª série C do Ensino Médio

No que concerne à questão tributária, o Estado detém prerrogativa constitucional de estabelecer impostos como instrumento para aplacar as desigualdades sociais, e deve-se favorecer uma tributação direta (sobre renda e patrimônio), e não uma tributação indireta (sobre consumo), a exemplo do modelo adotado pelos países desenvolvidos, que, apesar das investidas liberais de inspiração thatcherista, ainda persiste. Em um cenário como o brasileiro, no qual cerca de 13% da população detém 87% da riqueza nacional, menos impostos sobre consumo e mais tributação direta progressiva sobre os mais ricos resultariam em uma notável ampliação da capacidade de consumo, menor custo de produção e conseqüente menor inflação, o que harmonizaria vigor econômico e justiça social.

Quanto à regulação do setor privado, é fundamental resguardar o livre mercado de males como monopólios e oligopólios comerciais, que estabelecem concorrência desleal e prejudicam as pequenas e médias empresas, além de evitar cenários de incompatibilidade entre oferta e demanda, geradores de possíveis crises de superprodução. Cabe esclarecer que o consumidor, como se quer, será o maior beneficiário desse movimento.

Dado que o mercado não tem qualquer interesse em criar situações para manter os direitos fundamentais do cidadão, cabe ao Estado constituir-se como intervencionista, na medida em que será ele o guardião dessa possível equidade. Um país heterogêneo como o Brasil demanda visões adequadas às diferentes conjunturas regionais, e isso proporciona a tão almejada Justiça. Keynes apregoava a intervenção estatal consonante à garantia das liberdades individuais, à soberania popular e, conseqüentemente, à nacional. Disso não podemos abrir mão num Estado que se espera verdadeiramente democrático.

Se há livre mercado, não haveria crises

Em meados de 2008, teve início a crise global causada pelo estouro da bolha imobiliária norte-americana. É razoável principiar uma análise do modelo liberal observando-se o caráter intervencionista causador daquela crise. A partir de 1990, por meio das empresas de crédito Fannie Mae e Freddie Mac, o Estado americano passou a atuar de forma amplamente intervencionista no mercado imobiliário. Tais empresas compravam títulos de empréstimos dos bancos, basicamente assumindo para si o risco de calote. O Estado, por sua vez, pressionava os bancos a realizarem empréstimos a pessoas de baixa renda, e, como Fannie Mae e Freddie Mac seguramente comprariam esses empréstimos, os bancos seguiam o que o governo lhes impunha.

Desse ponto em diante, foi criada uma demanda gigantesca por moradias, o que aqueceu os mercados de construção civil e imobiliário. Mas boa parte do dinheiro emprestado não retornou, e o calote foi o estopim da crise – que alcançaria níveis globais a partir da revenda dos empréstimos. Fannie Mae e Freddie Mac revendiam os pacotes de empréstimos adquiridos dos bancos, num investimento caracterizado como “o mais seguro/lucrativo possível” pela Moody’s e pela Standard & Poor’s, duas das três agências de análise de risco que monopolizam o mercado, bastante legislado e restrito pelo governo americano.

A crise global de 2008 exemplifica muito bem a teoria dos ciclos econômicos elaborada pela chamada escola austríaca¹. Propõe-se, basicamente, que a atuação do Estado no crédito distorce a construção de riqueza, tendo em vista que dinheiro não é sinônimo de riqueza para uma sociedade. Se, por influência do Estado, bancos emprestam a taxas de juros menores para pessoas que não “poderiam” ter acesso a esse crédito – porque não podem pagar –,

manifesta-se uma demanda de consumo que não deveria existir, porque é falsa. Sendo assim, há distorções graves nas perspectivas reais do mercado, que não conseguirá, por si só, voltar à estabilidade.

Trata-se de uma cascata de eventos econômicos: o indivíduo, endividado, compra o produto; a fabricante produz mais e, para isso, compra mais maquinário, contrata mais funcionários e investe em mais matéria-prima. Os fornecedores, por sua vez, têm o mesmo entendimento, e assim sucessivamente, o que gera um aquecimento notável do mercado em um primeiro momento. Todavia, se o consumidor inicial não pode sanar a dívida, a fabricante não recebe; e, se não fatura, não paga fornecedores, e assim por diante, o que dá origem a uma crise exatamente como observado em nosso país nos últimos 4 ou 5 anos.

No Brasil, por meio da força governamental, bancos abaixaram juros para empréstimos e criaram demanda na área imobiliária, o que levou à especulação. Somada essa interferência estatal ao gasto das reservas de dólares nacionais, utilizadas para conter os efeitos de 2008, enquanto o mundo se recupera da crise, nós enfrentamos um “abalo sísmico”.

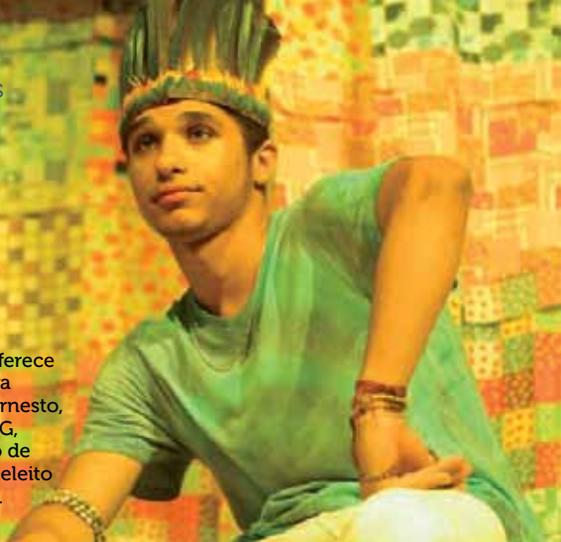
Se o modelo liberal de livre mercado tivesse sido respeitado, tanto em uma como em outra situação, não haveria crise. Não haveria consumo, mas também não enfrentaríamos calotes, tampouco o alto índice de endividamento de uma população que já não tem renda suficiente. O dito crescimento econômico por meio da intervenção é, na verdade, um grande fracasso quando visto pelos olhos dos maiores interessados, os cidadãos. Conclui-se que a manutenção do modelo liberal de livre mercado mostra-se mais vantajosa para a preservação da qualidade de vida financeira da população e do bem-estar das empresas nacionais.



Octávio Potenza,
3ª série A do Ensino Médio

¹ Escola austríaca, ou escola de Viena, é uma escola de pensamento econômico que defende o liberalismo e o pensamento de não intervenção no mercado. Entre seus fundadores, destacam-se Ludwig von Mises e Murray.

Associação Acorde oferece estrutura cultural para jovens como Edgar Ernesto, que, por meio da ONG, integrou-se ao grupo de Teatro do Sabin e foi eleito melhor ator em 2013.



Associação Acorde
Estrada do Moinho Velho,
243, Jardim Tomé
Embu das Artes – SP
(011) 4704.2920 / 4241.7485
<http://acorde.org.br>
contato@acorde.org.br

Acordar para a arte

Associação cria lugar de convivência, lazer e cultura para 5 mil famílias carentes.

Encravado entre Embu das Artes e Cotia, na Grande São Paulo, o Jardim Tomé é o que se convencionou chamar de “região de alta vulnerabilidade social”. As moradias são precárias, muitas sem rede de esgoto. Nas ruas, calçada e asfalto são perigosamente uma coisa só, e a iluminação, incerta. Faltam escolas e não existem praças ou outras áreas de lazer.

Em meio a esse cenário, a **Associação Acorde** é um oásis. Sua sede dispõe de generosa reserva de verde, quadra poliesportiva, palco, estúdio musical, biblioteca, sala de informática, enfim, tudo o que falta por ali – e esse espaço está à disposição das cerca de 5 mil famílias que vivem no bairro. Porém, mais do que um lugar de convivência e diversão, a Acorde representa uma chance para muitos enxergarem o mundo de uma nova forma e crescerem.

A ONG existe há 14 anos e, nesse período, atendeu mais de 135 mil pessoas. Oferece três programas: o Brincante e o Cativarte, para crianças e jovens, e o Centro Cultural Comunitário, dirigido a jovens e adultos. Somados, atingem um público mensal de quase 5 mil pessoas.

Os programas para crianças e jovens se dão por meio de oficinas de artes e esportes conduzidas pela equipe de educadores da ONG. O Centro Cultural começou a funcionar em 2013, quando a direção percebeu que era fundamental estreitar laços com os pais das crianças atendidas. Dessa forma, o Centro Cultural recebe famílias, e parte da sua programação acaba definida pelos próprios partici-

pantes. “É um espaço de uso coletivo que estamos construindo aos poucos, nós e a comunidade”, explica Joana Lee Ribeiro Mortari, que responde pelo desenvolvimento institucional da Acorde.

O programa Brincante, como o nome sugere, usa as diferentes formas do brincar como mola mestra no processo de socialização e desenvolvimento de crianças de 6 a 8 anos. O Cativarte mira a faixa etária dos 9 aos 17 e, em linhas gerais, procura formar um jovem confiante e aberto às diferentes realidades culturais. Os projetos envolvem música, dança, esporte, culinária e parcerias com duas escolas paulistanas. Uma delas é o Sabin, que oferece vagas em seu curso de Teatro para alunos da Acorde. A ideia surgiu como tentativa de aproximar a experiência de jovens de realidades distintas, rompendo bolhas de isolamento social em que costumamos viver. “É uma oportunidade para que os jovens entendam que ser igual não é só um preceito constitucional ou religioso, mas uma possibilidade verdadeira”, diz Joana.

Edgar Ernesto fez parte do grupo de jovens da Acorde que, ao longo de 2013, com o grupo de Teatro do Sabin, elaborou o espetáculo *De retalhos, um país*. Ele assumiu o papel principal da peça, pela qual foi eleito o melhor ator do grupo, naquele ano. Foi uma experiência transformadora, segundo suas palavras: “Sempre soube que a arte tem o poder de mudar o mundo. Ela mudou e continua mudando o meu”.